

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Rubens Lacerda de Sá
Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Há um ditado popular, cuja origem desconheço, que diz: é nos pequenos frascos que encontramos os melhores perfumes. Não consegui parar de pensar nessa analogia popular após ler este pequeno, mas incrível e surpreendente ensaio do, relativamente, pouco conhecido filósofo moderno, Byung-Chul Han. Como bem o descreve a contracapa da obra, trata-se de “uma das vozes filosóficas mais inovadoras da atualidade” em perfeita sintonia com a sociedade pós-moderna.

Fiquei pensando no título do ensaio e fui a um dicionário¹ buscar a etimologia da palavra ‘cansaço’, que o define como “falta de forças causada por exercício demasiado ou por doença” e curiosamente vem da fusão de *cansar* + *-aço*. Pareceu-me curiosa e jocosa a ideia e o quadro mental de uma barra de aço, que supostamente é composta de um dos metais mais resistentes, ficando cansada, sem forças, adoecendo. Bem, essa breve brincadeira com as palavras e exercício mental possibilitaram que eu entendesse com clareza a proposta do autor neste ensaio. A sociedade e o ser humano pós-modernos estão “sem forças”, estão “doentes”, estão patologicamente cansados.

O autor no ensaio estabelece uma relação, intrinsecamente curiosa, entre o sistema imunológico do corpo humano e a filosofia, a sociologia, a linguagem e outras ciências. Inicia sua discussão afirmando que nossa era sofre os efeitos de uma certa patologia neuronal, *e.g.* depressão, TDAH,

¹ Fonte: Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 2.2.1 (194) © 2005-2016 Apple Inc.

Síndrome de Burnout, infartos provocados pelo excesso de positividade, etc. Sua analogia prossegue ao mencionar que a “sociedade está entrando cada vez mais numa constelação que se afasta totalmente do esquema de organização e de defesa imunológicas. Caracteriza-se pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza” (p. 10). Em outras palavras, a sociedade moderna está adoecendo por conta de uma certa distorção visual e paradigmática causada pela globalização, e sua conseqüente desterritorialização, pela promiscuidade — no sentido mais amplo do termo, pela hibridização, pela violência neuronal, etc. Tudo isso resulta em um certo ‘cansaço social’.

Em seguida, ele mostra que a ausência de alteridade resulta da atuação de forças ideológicas pelo igual, não no sentido de igualdade, mas sim, no sentido de homogeneização, rejeição ao diferente, ao outro; e, voltando a considerar o sistema imunológico, Han alerta que “o igual não leva à formação de anticorpos [...] ao fortalecimento de mecanismos de defesa” (p. 16). Decorre daí o cansaço da sociedade, pois ainda que esta se arrogue pós-colonial em linhas globais, continua reproduzindo práticas que servem aos interesses de uma classe dominante mundial. Valoriza-se, a partir daí, o prefixo “super-”: super-produção, super-desempenho, super-comunicação, super-ação, etc. Tal forma de discurso social velado promove o igual que, por sua vez, gera o que pode ser chamada de ‘baixa imunidade neuronal’ ou “violência neuronal” e, por conseguinte, de “esgotamento, exaustão, sufocamento, excesso de positividade, etc.” (p. 17). Decorre do anteriormente exposto, a dificuldade da sociedade em aceitar, em conviver com o outro, o não-igual, o diverso, o diferente. Este é visto como um vírus a ser combatido e eliminado a fim de que se mantenha a positividade social.

Foucault aborda em sua obra, entre outros temas, a questão da sociedade da disciplina. Han, por outro lado, apresenta um contraponto ao salientar que a sociedade atual substitui a ênfase na/pela disciplina foucaultiana pelo desempenho e produção/produktividade, e a caracteriza

como a era do *Yes, we can!*. Este último já assimilado pelo inconsciente social e que se infiltra com muita facilidade no mais recôndito da sociedade, uma vez que esse é fluida, líquida, movediça, como pressupõe a teoria baumaniana. Há aqui uma mudança de paradigma social que, por sua vez, contribuirá para o *burnout* neuro-social. Ou, como postula Han: “O homem depressivo é aquele *animal laborans* que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo” (p. 28). Trata-se, ironicamente, de uma certa auto-escravidão nesta nova ordem econômica, apresentada em seus primórdios por Chaplin em sua obra “Tempos Modernos”. E é justamente esse auto-flagelo que cansa e/ou adocece psicologicamente a sociedade presa a uma certa “liberdade paradoxal” (p. 30).

Para meu espanto, Han passa a descrever uma das consequências desse cansaço social comparando-o ao princípio de multitarefas dos animais, ou seja, eles precisam comer, caçar, copular, vigiar a prole e o (a) parceiro (a), etc. Tudo por uma questão de sobrevivência. Han, então, compara a dinâmica social moderna ao selvagem sistema de vida dos animais — não são capazes, por serem multitarefas, de aprofundar-se em nada, de desfrutar contemplativamente de nada. Em outras palavras, sua atenção é facilmente dispersada e seu foco rápida e constantemente redirecionado. Diz Han que isto é “pura inquietação [que] não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente” (p. 34).

Em outro momento do ensaio, Han busca no proposto por Hannah Arendt um apoio para seus pressupostos. Ela fala da sociedade do trabalho e suas consequências. Ele retoma o conceito de *animal laborans*. Dessa vez, ampliando-o e valendo-se de outro prefixo, o “hiper”, o autor destaca que este *animal laborans* é hiper-ativo, hiper-neurótico, hiper-transitório, hiper-narcisista e, paradoxalmente, somos hiper-desnudos e hiper-nudofóbicos ao mesmo tempo. Ou seja, apreciamos a hiper-exposição social e, inversamente, a abominamos. Excluímos e somos

excluídos, somos “mortos-vivos [...] prisioneiro e vigias, vítimas e agressores” (pp. 46-47).

Sob o subtema **Pedagogia do Ver**, Han retoma a ideia de “cultura distinta” em Nietzsche e a explica, numa linguagem poética, ao dizer que precisamos “aprender a *ver*, ou seja, habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si, ao olhar demorado e lento” (p. 51). Trata-se de um processo meta-pedagógico, pois envolve uma mudança pragmática de comportamento, desconstruir a ideia de que o “hiper-tudo” produz liberdade em vez de uma mecânica social estúpida e ininterrupta. Daí, Han passa a apresentar a relação existente entre ação- consequência da positividade e negatividade, analisando alguns desdobramentos de ambas. Amarra este segmento do seu ensaio com o seguinte, apresentando uma narrativa que ilustra o que ele vem destacando ao longo de todo o seu texto, a saber, o cansaço da sociedade moderna é devido ao seu próprio *modus operandi* e conclui a narrativa: “Essa ‘história provinda de Wall Street’ não é uma história da ‘des- criação’, mas uma história de *esgotamento*. Queixa e acusação, juntas, formam a invocação com a qual se encerra a narrativa: ‘Oh, Bartleby!, Oh, humanidade!’” (p. 68).

Han epiloga seu ensaio contrastando as expressões ‘*doping cerebral*’ e ‘*neuro-enhancement*’. Menciona que “o excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma” (p. 71) e, baseando-se na obra “Ensaio Sobre o Cansaço”, de Handke, Han retoma de forma bastante didática o que caracteriza, em seus diversos tipos e formas, a nossa “Sociedade do Cansaço” — a sociedade do não-para nos termos nietzscheanos, a sociedade cuja preocupação reside no *status* e visibilidade social. Entendo que a citação de Nietzsche, na obra “Humano: Demasiado Humano”, referenciado na capa final da obra de Han, serve bem ao propósito de corolário para esta resenha: “Por falta de repouso nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções

necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo”.

Foi com grande interesse que li este magnífico ensaio de Byung-Chul Han. Um interesse de um resenhador socialmente cansado, não porque eu seja profunda, consciente e propositalmente afetado pelos prefixos “super-” e “hiper-” usados pelo autor, embora admita que em alguns momentos sou influenciado pela dinâmica da sociedade pós-moderna; mas, acima de tudo, sou um resenhador cansado das (in)solúveis questões sociohistóricas, culturais e políticas que nos cercam, das rasantes relações que se (des)constroem na contemporaneidade e de um certo “esforço para alcançar o vento”, para parafrasear o poeta bíblico. Portanto, espero que esta resenha, e a resultante leitura do ensaio em tela, nos instigue a repensar nossos papéis e posturas sociais nesta ciranda em que estamos envolvidos desde os tempos dos elos: obscurantismo-iluminismo- (pré)modernismo-modernismo e hoje — oh, hoje!

ⁱ E-mail do autor: rubens.ladesa@gmail.com